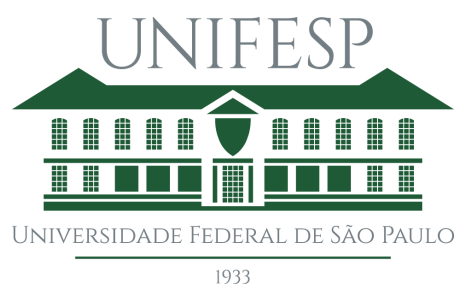


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MAR



**População trans e o *Hip-hop*: resistência, expressão de gênero, raça e classe
no rap brasileiro**

Joaquim Renato Alves de Souza

Prof. Dr. Rodolfo Eduardo Scachetti (orientador)

SANTOS-SP
2020

Ficha catalográfica elaborada por sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

J62p

Alves de Souza, Joaquim Renato.
população trans. e o hip-hop: resistência,
expressão de gênero, raça e classe no rap brasileiro.
/ Joaquim Renato Alves de Souza; Orientador Rodolfo
Eduardo Scachetti; Coorientador . -- Santos, 2021.
21 p. ; 30cm

TCC (Graduação - Bacharelado Interdisciplinar em
Ciências e Tecnologia do Mar) -- Instituto do Mar,
Universidade Federal de São Paulo, 2021.

1. população trans. 2. gênero. 3. hip-hop/rap. 4.
meio ambiente . I. Scachetti, Rodolfo Eduardo ,
Orient. II. Título.

CDD 551.46

Bibliotecária Daianny Seoni de Oliveira - CRB 8/7469

Resumo:

O objetivo geral do presente trabalho de conclusão de curso é tratar de impactos e conflitos presentes no ambiente de inserção social da população transexual/travesti, explorando a narrativa de sujeitos pertencentes ao grupo a partir de sua atuação na cultura *Hip-hop*, mais precisamente no *rap*. A principal característica desse movimento é considerar como protagonistas seus narradores, contextualizando suas vidas a partir de vivências, histórias, perspectivas, e trazendo também à tona seus desejos e sonhos. Olhando mais atentamente para o conteúdo musical produzido por transexuais/travestis que atuam no *rap* brasileiro, esta pesquisa buscou expor e sistematizar percepções e críticas produzidas por esse grupo social e dirigidas sobretudo ao ambiente entendido de modo amplo, tendo cada indivíduo como protagonista. Do ponto de vista metodológico, realizamos análises qualitativas inspiradas pela proposta de análise de conteúdos de Laurence Bardin (1977). A amostra foi composta por mensagens das letras de trinta (30) produções selecionadas, por critério de conveniência e acessibilidade, e sua análise foi realizada a partir de aprofundamento bibliográfico sobre o tema. Como principais achados, pudemos expor algumas problemáticas, em torno de gênero, violência e prostituição, e denúncias sociais e críticas de certos modelos hegemônicos e conservadores a partir da ótica referencial de indivíduos que buscam transgredir certos padrões incorporados pela cisheteronormatividade. Por fim, nos deparamos ainda, em alguns casos, com indícios de uma crítica ambiental esboçada nas músicas que analisamos.

Palavras-chave: População trans; gênero; *hip-hop/rap*; meio ambiente.

Introdução e justificativa, com síntese da bibliografia fundamental

Gênero e sexualidade

Nem sempre o sexo corresponde ao gênero, pois existem indivíduos que não sentem e não desejam ter sua identidade sexual determinada única e exclusivamente por sua genitália. Mas todos podem ser enquadrados em algum gênero. Em algumas culturas, já é possível contemplar a presença de um terceiro gênero. Exemplo muito habitual encontra-se na Índia, famosa por reconhecer judicialmente as *hijras* (equivalem aos nossos transexuais e travestis). O número exato de *hijras* na Índia é desconhecido, mas há estimativas de que existam entre 50.000 e 1,2 milhões (JAIDS, 2012 v. 59).

Em termos conceituais, é preciso distinguir as noções de “cis” e “trans”, de forma a introduzirmos a problemática desta pesquisa. Chamamos de cisgênero, ou de “cis”, as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído ao nascimento, e “trans” todo e qualquer indivíduo que deseje transgredir as normas e padrões de gênero. Segundo Jesus (2012), desde criança são exigidos das pessoas comportamentos e figuras específicas condizentes com seu sexo biológico. Em geral, as sociedades disseminam a crença de que os órgãos genitais definem se uma pessoa é homem ou mulher, e fatores cromossômicos ou até mesmo níveis hormonais também são usados como argumento (JESUS, 2012).

Antes mesmo do nascimento de determinado indivíduo existe uma imposição comportamental, sendo ensinado às crianças que homens e mulheres são indivíduos totalmente dessemelhantes e devem se posicionar desse modo. Segundo Taquette (2007, p.84):

“A violência de gênero estrutura-se – social, cultural, econômica e politicamente – a partir da concepção de que os seres humanos estão divididos entre machos e fêmeas, correspondendo a cada sexo lugares, papéis, status e poderes desiguais na vida privada e na pública, na família, no trabalho e na política.”

Existe uma manutenção e reprodução constante do comportamento cis normativo pela sociedade de modo geral. Ainda segundo Taquette (2007), a população trans não goza plenamente de direitos identitários, sociais e políticos. Para citar um exemplo vivo e concreto dessa limitação inclusive de percepção, participamos em 2019 de uma roda de conversa ocorrida em São Paulo com algumas travestis e transexuais, e a manifestação mais contundente foi que “eles [assistentes sociais] só nos procuram para falar de HIV e IST’s...”. Claramente o que sugeriam é que se deveria considerar nas políticas públicas mais amplamente a população T e suas vivências.

Isso foi um ponto disparador neste trabalho de conclusão de curso, a saber: a vontade de conhecer essa população e de pensar sobre o seu próprio conhecimento. Por exemplo, um conhecimento que envolve a questão da resistência política e cultural desse grupo social. Foi nesse ponto que nos aproximamos do *Hip-hop*. O tema da resistência é parte da atmosfera do *Hip-hop*, mais precisamente do *rap*, que tem como característica considerar como protagonistas seus narradores, contextualizando suas vidas a partir de vivências, histórias, perspectivas, e trazendo também à tona seus desejos e sonhos. Cabe lembrar que o *rap* é parte essencial do *Hip-hop*. Segundo Cancellato (2019), “Quando se fala em *rap* no sentido político cultural, está se falando também de *Hip-hop*. O *rap* é o elemento musical do *Hip-hop*.”

As mídias nem sempre apresentam de forma fidedigna a população T. Dão preferência a algo mais estereotipado ou até mesmo “cômico”/ridicularizado. Um exemplo disso é o famoso personagem protagonizado na rede televisiva SBT, entre os anos 1992 e 2002, por Jorge Lafond, e popularmente conhecido como Vera-verão. Por isso, averiguamos neste projeto, para além desses estereótipos, aspectos identitários e percepções da população T manifestos na sua aproximação com o *Hip-hop*, sobre o qual trataremos mais detidamente a seguir.

Do movimento Hip-hop e da aproximação do grupo T com a música

O movimento *Hip-hop* mostra-se como uma ferramenta emancipatória, de diálogo e enfrentamento, e que promove uma construção identitária ou até mesmo uma alternativa em oposição à dominação das elites (MOASSAB, 2008).

De modo geral, seus autores são sujeitos que buscam ser autônomos, não pautados na cultura e economia dominante. O *Hip-hop* apresenta características de um estilo de vida dessemelhante, apresentando uma forma criativa e alternativa de estabelecer novas posições a alguns indivíduos. Moassab (2008) aborda o movimento como uma forma de comunicação contra-hegemônica, uma (re)construção de identidades e narrativas.

Em meados dos anos 60 e 70, as ilhas caribenhas passavam por problemas políticos e econômicos, resultando na migração de muitos indivíduos para territórios pobres de Nova York, marginalizados e repletos de problemas, como desigualdades sociais, tráfico de drogas, violência, racismo, entre outros. Mas, os imigrantes carregavam consigo toda ancestralidade, cultura, hábitos e costumes, e estavam muito influenciados pela matriz africana. Da junção de distintas tribos em bairros pobres de Nova York, potencializada pelas novas tecnologias de produção sonora, derivou então o *Hip-hop* (MOASSAB, 2008).

O movimento *Hip-hop* é formado por três elementos: *rap* (música), *break* (dança) e grafite (desenho). Nesta pesquisa, trabalhamos com um enfoque maior no *rap* (*rhythm and poetry* – ritmo e poesia). O *rap* é o elemento musical contido no movimento *Hip hop*; ele “acaba por funcionar como um instrumento

político-pedagógico ao informar, criar um discurso e analisar a vida social” (XAVIER, 2005, p. 88). Loureiro (2016, p. 236) afirma que:

“O uso da palavra ‘rap’, há tempos presente nos dicionários de inglês, remonta ao século XIV. Referindo-se a algo como ‘bater’ ou ‘criticar’, antes mesmo da eclosão da música rap o termo já aparecia no contexto de jogos de improviso e insulto verbal, prática corriqueira entre negros de algumas cidades dos Estados Unidos”.

Em muitos dos estudos referentes à violência de gênero, fica bem explícita a dominação masculina sobre as mulheres que ocorre em sociedades conservadoras, religiosas, historicamente machistas e homofóbicas como a brasileira (BUTLER, 2004; JESUS, 2012; SILVA, 2007). A diversidade de gênero e orientação sexual são rotineiramente negadas e/ou silenciadas; nega-se tudo ao indivíduo que se esquia de uma hetero-cisnormatividade. Cisnormatividade trata-se de uma norma padronizada sobre corpos e identidades de gênero que os idealiza e naturaliza em fantasias binárias, coloniais, e lhe extraem toda autonomia (SIMAKAWA, 2015). Quando considerados artistas transexuais brasileiros, é possível localizar nas letras das músicas assuntos proeminentes à violência de gênero e desigualdade social vivida, estabelecendo críticas à sociedade. Um exemplo pode ser vista na produção da artista TRIZ, na música *Elevação Mental* (2017):

“É tanta arrogância, tanta prepotência
A sanidade tá escassa no mundo das aparências
Não se cale jamais diante do opressor
Não deixe que o sistema acabe com seu amor
[...]
como de costume eu vou tocando é na ferida
Falando dos preconceito sofrido no dia a dia
O *rap* existe pra mostra a verdade e a dor
É um grito de dentro pra fora clamando pelo amor
[...]
Não seja mais um babaca de mente fechada
Por que o ódio mata, mas o amor sara
De qual lado cê vai ficar?

Brasil, país que mais mata pessoas trans
Espero que a estatística não suba amanhã”.

E a letra do *rap* está de fato respaldada nas informações sobre o que ocorre. Segundo Santos e Krawczak (2017):

“Conforme pesquisa realizada pela organização não governamental *Transgender Europe* (TGEU), que apoia os direitos da população

transgênero, o Brasil é o país onde mais se mata travestis e transexuais no mundo, sendo que entre janeiro de 2008 e março de 2014 foram registradas 604 mortes no país.”

Mas, se por um lado o *rap* denuncia e critica, por outro ajuda a construir identidades e resistência, sendo afirmativo e propositivo. Artistas como *Rosa Luz* apontam essa expressão cultural como uma forma de elevação da autoestima de pessoas transexuais. Vejamos um trecho de *Brazilian Bitch* (2018) em que isso aparece:

[...]
“Mesmo sem uma nota o *rap* salvou minha autoestima
sigo cantando com os manos e as minas que respeitam minha
identidade nessa luta
[...]
Defendendo a igualdade mas parece só as RAD
Reduzindo a identidade feminina
mas assim sigo na pista pelas Travesthys
mortas na esquina sobretudo pela
necessidade de poder transcender o proceder...
[...]
pois eu sou periferia aprendi inglês sozinha
autodidata sou a “trava” que você não esperava”

O *rap* foi, por muito tempo, alvo de críticas negativas pelo caráter violento e pela ruptura do padrão musical causada pelos efeitos, sons misturados e cantos “falados”. Bem diferente da grande maioria da cultura musical. Segundo Kellner (2001, p. 232), “os sons do *rap* são muitas vezes transgressivos, infringindo as regras de correção e do discurso aceitável”. Mas, por ser uma expressão cultural que parece ter surgido de modo muito espontâneo e ligado a necessidades sociais, o *rap* pode ser fruto de importantes descobertas.

No caso deste projeto, interessou-nos buscar conhecer aspectos identitários e visões da população T através de sua produção no *rap* e, como objetivo mais específico, buscamos ainda verificar como a questão ambiental aparece nas narrativas que analisamos.

Materiais e métodos

Procedimentos de amostragem e coleta

Ao todo, reunimos trinta (30) produções dos artistas: Linn da Quebrada; Monna Brutal; Jup do Bairro; Natt Maat ;Rosa Luz; Alice Guél; Danna Lisboa; Jackie Chean; Tavares Mc; Ventura Profana; Liniker Barros e Júpiter. A amostra foi obtida por critério de conveniência e acessibilidade, ou seja, não seguiu padrões de corte temporal ou de qualquer outra natureza, exceto ser produção brasileira e atender ao critério fundamental de se tratar de música realizada por um artista da população T. O fato de termos tido acesso via internet às produções foi determinante para sua integração à amostra (de toda forma, as redes digitais parecem ser a principal forma de difusão dos produtos culturais neste contexto de segunda década do século XXI), que foi coletada e sistematizada entre junho de 2019 e fevereiro de 2021

Procedimentos de análise

Os achados foram organizados, frente ao objetivo principal de conhecermos trajetórias e vivências da população T e secundário de verificarmos como a questão ambiental aparece nas narrativas que analisamos, com o intuito de selecionarmos elementos como palavras, frases, temas ou outras unidades de conteúdos, baseando-nos no método desenvolvido por Laurence Bardin (1977).

Procedimentos éticos

Esta pesquisa se voltou exclusivamente à consulta de materiais disponíveis livremente nas redes digitais, prescindindo, portanto, da necessidade de autorizações ou emprego de Termos de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

Resultados

Foram analisados 110 minutos e 18 segundos de material musical. A produção mais breve abrigava 2 min e 12 segundos, enquanto o trabalho mais extenso chegou a 7 minutos e 44 segundos.

Dentre as trinta (30) músicas, selecionamos alguns núcleos de sentido mais evidentes das produções. Tais padrões e semelhanças em relação ao conteúdo são: 1. discurso sobre gênero, com destaque para uma posição assertiva sobre isso e ao mesmo tempo identificando a ausência de afetividades e as experiências na prostituição; 2. a violência e/ou morte/assassinatos aparecendo em grande parte das composições e 3. Prostituição, sexo, uso dos corpos.

A seguir organizamos em forma de tabela os 3 núcleos de conteúdos mais recorrentes, acrescentando ainda a coluna sobre a avaliação da possível presença de temas ambientais nas músicas:

Artista	Produção	Ano da publicação	Local de veiculação	Conteúdo ambiental. Exemplos	Conteúdo recorrente 1 Gênero Exemplos	Conteúdo recorrente 2 Violência Exemplos	Conteúdo recorrente 3 Prostituição / sexo Exemplos
Tavare s Mc	amor cannab is ou ódio	2019	youtube/ soundclou d	terra produtora/ água impura		ódio	menção sexo
Linn da Quebra da	bixa preta	2017	youtube		Bixa/ viagem afirmação	chacota/ masc. tóxica	
Linn & Jup do bairro	submis sa do 7 dia	2017	youtube	incômodo p/ existir pela forma com que se apresenta socialmen te	afirmação	chacota	joelho ralado no azulejo/ “cadela criada na noite”
Linn & Jup	Mulher	2016	youtube	esgoto/ ocupação/ favela	afirmação / luta por existência	desejo de paz	aluga o corpo/ corpo é uma ocupação
Linn da Quebra da	bomba pra cralh*	2017	youtube			sangue escorre pela marg/ censura	
Linn da Quebra da	Bixa Travest hy	2017	youtube		bixa travesty/ Masc tox.	na mão sangrand	

						o um coração	
Rosa Luz	De clande stina put*	2017	youtube	favela	patologia identidad.	marcada para morrer/	
Rosa Luz	Brazilia n Bith	2018	youtube	periferia	Travesthy		
Monna Brutal	2000 e biscoit o	2018	youtube/		bixa preta		
Monna Brutal	11/11	2018	youtube	a rua		carne barata	
Monna Brutal	arapo	2018	youtube	periferia			
Triz	elevaç ão mental	2017	youtube		homossex ualidade/ NB*	país que + mata/ preconcei to/ ódio	sexo c/ afetividade
Linn da Quebra da	mEnor me	2018	youtube				sexo c/ afetividade s
Jupiter/ Monna	submar ino	2020	youtube			Transfobi a	
Natt Maat	transfo bia	2017	youtube			transfobia / país que mais mata	90% na prostituição
Jackie Chean	masc. frágil	2020	youtube		afirmação de gen. masc frágil	alvo de violênc. feminicídi o	
Jackie Chean	Depres são transto rna	2020	youtube		homem trans	expectativ a de 35 a.	
Jackie Chean	DEPO &MEN TOS	2020	youtube				

Alice Guel e Ventur a profan a	Dilúvio	2019	youtube				Afetos
Alice Guel	Deus é travesti	2018	youtube	travas passando fome, pela exclusão no mercado de trabalho.	binarismo	“traveco”	
Linn da Quebra da	Oração	2019	youtube				afetos
Alice Guel	Meu Templo	2018	youtube	gueto/ nas ruas		apedrejada	afetos/ “trab. na rua”
Alice Guel	Real	2019	youtube	nas ruas	não normatividade		pelas esquinas
Danna Lisboa	cidade neon	2016	youtube	nas ruas			esquinas quase nua
Danna Lisboa	censur a	2019	youtube			corpo público	
Danna Lisboa	Trinks	2016	youtube	guetos/ becos	travestis	machista	
Danna Lisboa	ecoa	2017	youtube	guetos	travesti		
Danna Lisboa	ideias	2017	youtube	guetos/ nas ruas		ódio	esquinas quase nua
Linn da Quebra da	A lenda	2017	youtube		bixa tvesti		
Linn da Quebra da	Pirigoza	2017	youtube				

Discussão

Conteúdos ambientais

Dentre as 30 (trinta) produções, 13 (treze) delas abordam a temática “ambiente” quase sempre trazendo o aspecto da inserção dos indivíduos. Encontramos críticas relacionadas ao meio ambiente no sentido da problemática ecológica em apenas uma produção, realizada por *Tavares mc*. Apareceu nos versos: “*Brasil afundado na tristeza esquecemos da natureza [...] Olhar o mar nem ajuda a água tá impura Felicidade, ar puro, emprego Nois tá na procura*”.

Na produção *Amor cannabis ou ódio* também apareceu a temática, mas, assim como nas demais produções, o assunto “ambiente” vem ligado a perspectivas de existência em comunidades, periferias, ocupações, ruas e favelas. Cinco (05) das treze (13) produções citam ambiente na chave da vivência nas ruas e esquinas, transmitindo a imagem de vulnerabilidade. *Danna Lisboa*, por exemplo, na produção *Real*, canta: “*cê vive falando que nós é traveco Saímos da esquina pra fazer sucesso*”. A associação entre essa população e o cenário urbano, no caso as esquinas das cidades, acaba sendo marcante e se destacando. Vale dizer neste ponto que em geral é comum no imaginário social a associação entre um dos temas recorrentes nas músicas, a prostituição, e este outro núcleo recorrente, o ambiente das esquinas das grandes cidades.

Dentre as produções classificadas em “ambiente”, oito (08) citam favelas/ocupação/periferia ao menos uma vez no decorrer da produção.

Danna, em outra produção, ainda menciona: “*Posso fazer rima pois meu berço vem do gueto Eu ando pelos becos Eu vou de coletivo*”.

De certa forma, os artistas apresentam argumentos referentes a sua concepção de ambiente, apresentando sua posição e colocação em ocupação, nas ruas, becos, comunidades/favelas, mas, em contrapartida, esse grupo se faz menos presente e permanente nos espaços de educação/ ensino.

De acordo com uma pesquisa realizada pela Comissão de Direitos Humanos e Diversidade da Organização dos Advogados do Brasil em 2016, 82% da população trans não consegue concluir o ensino básico no Brasil. Entre as universidades brasileiras, a presença e permanência de estudantes trans é ainda menor. A pesquisa publicada em 2018 pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições de Ensino Superior (Andifes) indicava que apenas 0,1 % dos alunos entrevistados se declarou mulher trans, e 0,1% homem trans, entre quatrocentos e vinte e quatro mil alunos matriculados em universidades públicas do Brasil. A manifestação do grupo ratifica dessemelhanças sociais.

Ainda tratando de ambiente, *Linn da Quebrada* menciona em sua produção *Submissa do 7 dia* instigar certo incômodo em terceiros por sua existência: “*Estou procurando Estou tentando entender o que é que tem em mim Que tanto incomoda*

você". De certa forma, esse argumento representa como esses indivíduos são socialmente tratados no espaço que ocupam, mas também como respondem com o *rap* e fazem um esforço político de transformação desses espaços (como traças que se espalham nos ambientes...), conforme vemos na letra abaixo transcrita:

[...] Acordei em várias formas
Abstrata no corpo, com a mente em molduras
Acordei negra na cor com branco de paz
Acordei com manchas do mal de um mundo fugaz
Acordei com peso a mais
Acordei com peso desses fatos
Acordei armada com esperança de outros atos
Sonhei que nada tinha peso, mundo leve
Onde o bom não era breve
Nada era irrelevante não havia figurantes
Nem se quer existia algo em processo
Mas aí, acordei no inverso
Invertem os valores, pagamos com dores
Separação por cores e raças
Uma praga ou desgraça
Lutemos como traças que se espalha causando...
(*Cidade neon*, 2016, Danna Lisboa)

Conteúdos sobre gênero

Dentre os títulos analisados, encontramos discursos vinculados a gênero. Muito combinado também com uma afirmação de gênero, esse tema aparece majoritariamente acompanhado de uma espécie de manifestação dos indivíduos, em forma de reivindicação e (re)conhecimento de sua identidade singular. Dentre as trinta (30) produções, quinze (15) abordam gênero pelo menos uma vez. Entre elas é perceptível a presença da expressão “Bixa preta” como forma de reafirmação e resistência de gênero, ressaltando a presença e existência de pessoas não brancas, fora de padrões cisnormativos e com tendência de romper com o entendimento conservador de identidade.

Linn da Quebrada, por exemplo, narra isso de forma objetiva na obra *Bixa Preta*: “*Bixistranha, loka preta da favela Quando ela tá passando todos riem da cara dela Mas, se liga macho, presta muita atenção Senta e observa a sua destruição [...] A minha pele preta, é meu manto de coragem Impulsiona o movimento Envaidece a viadagem...*”. Descrevendo o ambiente de existência desse corpo transgressor e descumprido certas normas sociais lidas como “normais”, *Monna Brutal* também menciona “bixa preta” na produção *2000 e biscoito*.

A pesquisadora Butler contribui de maneira diversa para reflexões referentes à divisão de sexo/gênero, lançando reflexões para a construção do olhar sobre o corpo, enquanto aborda e critica também certa hierarquia nas relações sociais. Abordando gênero como construção, não biológica mas social, seguindo modelos estruturados a partir de uma heterocisnormatividade, afirma ela que:

“O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser.” (BUTLER, 2010, p. 59).

Em outro título, *Linn* ainda aborda a diversidade de conformações frente ao corpo de mulher e suas múltiplas representações de corpos. Nos trechos da produção *Mulher*, cita que: “*ela tem cara de mulher, ela tem corpo de mulher, ela tem, jeito tem bunda tem peito e o pau de mulher*”, expressando e desconstruindo certas crenças em volta da definição de ser mulher. O que se assemelha à reflexão em volta da ideia muito citada de Simone de Beauvoir em *O segundo sexo* (1949): “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. A discussão suscitada por Beauvoir e amplificada por Butler gira em torno da definição de mulher, e grosso modo propõe que visões de indivíduos são socialmente e culturalmente produzidas. Não se nasce com elas, mas se aprende através da socialização. Nesse cenário, a música de *Linn* refere-se às diversas construções alternativas da noção de mulher, e Beauvoir fez menções aos comportamentos/attitudes argumentando sobre as bases de poder presentes nas construções dominantes.

Rosa Luz, como último exemplo de artista que citaremos, indaga discursos a respeito de uma despatologização acerca da transgeneridade: “*pega mina trans do gueto já patologiza mas aqui eu sou rainha*”. Ao patologizar uma identidade é concedido um espaço para categorização de anormalidade, conforme vemos no trabalho clássico de Michel Foucault sobre os “anormais”, justificando as tentativas de higienização social, a fim de empregar um ideal de sociedade livre de “contaminações” (Bento, 2008). A rigor, até junho de 2018 a transexualidade ainda era enquadrada pelo Código Internacional de Doenças (CID) 10 F64, classificada enquanto transexualismo e sendo categorizada como transtorno mental. A nova classificação, que é tida enquanto distúrbio da sexualidade, foi adotada somente a partir de maio de 2019, quando foi apresentada na Assembleia Mundial da Saúde. Entretanto, a lista oficial passará a valer somente em janeiro de 2022, e a versão atualmente (2021) disponível é apenas uma pré-visualização para que os países realizem um planejamento e preparem seus profissionais de saúde para trabalharem com a nova classificação CID 11 (UNAIDS 2018).

A existência de um discurso referente a violência apresenta-se em pelo menos dezoito (18) dentre as trinta (30) produções analisadas, sendo, portanto, o tema mais recorrente. *Triz*, em sua produção, coloca a relação da população trans com a violência de forma explícita, citando dados concretos referentes ao tema, como vimos em sua música: “*Brasil o país que mais mata pessoas trans, espero que esta estatística não suba amanhã*”. Vale destacar que muitas travestis e transexuais morrem invisibilizadas, sem qualquer (re)conhecimento identitário. Consequentemente, o número de pessoas trans vítimas de homicídio pode ser ainda maior do que o apresentado pelas organizações envolvidas no tema.

Linn da Quebrada, em sua *produção bomba pra caralh**, com cerca de 127.856 visualizações (dado com base em consulta na plataforma *Youtube* realizada no mês de setembro de 2020), expõe logo nos 5 segundos iniciais da música a seguinte nota: “*Baseado em carne viva e fatos reais. É o sangue dos meus que escorre pelas marginais*”. Ela faz, portanto, referência direta a toda violência que resulta no sangue derramado vindo da população trans. A *rapper* menciona ainda na produção a violência vivenciada e proveniente do Estado, violência proveniente do Estado, por intermédio da polícia. Em produções de *Tavares Mc* e *Monna Brutal* também é perceptível a presença do tema. O pesquisador Diogo Souza (2018) afirma:

“A transfobia é uma faceta antidemocrática que finca limites para a compreensão das possibilidades de ser, definido com base na patologização, na punição e na *violência* os cursos de vida que não se estabelecem a partir da cisheteronormatividade.” – grifos nossos.

No título *Clandestina put**, de *Rosa Luz* faz menção a Dandara Kettley dos Santos no verso “*não tem jeito mais uma mina no gueto que foi morta sem respeito é Dandara sem direitos...*”. A alusão é ao episódio ocorrido em 15 de fevereiro de 2017. Dandara foi espancada, torturada, apedrejada e depois morta com dois tiros na face em plena luz do dia no bairro de Bom Jardim, Fortaleza – CE. As imagens do ocorrido foram divulgadas em diversas redes sociais. Os meios de comunicação fizeram divulgação do caso, expondo, sem nenhuma timidez, o nome que não a representa, ferindo totalmente os direitos de Dandara, apagando e deslegitimando sua identidade, sendo a identidade um direito humano básico fundamental (ALMEIDA, Jose Luiz Gavião de, 2018). Segundo Bento (2015, p. 2):

“A principal função social deste tipo de violência é a espetacularização exemplar. Os corpos desfigurados importam na medida em que contribuem para a coesão e reprodução da lei de gênero que define que somos o que nossas genitálias determinam. Da mesma forma que a sociedade precisa de modelos exemplares, de heróis, os não exemplares, os párias, os seres abjetos também são estruturantes para o modelo de sujeitos que não devem habitar a nação.”

Conteúdos sobre prostituição

Dentre as 30 (trinta) produções analisadas, 12 (doze) fazem menção ao tema prostituição. Mais de 90% da população trans recorre à prostituição como meio de sustento, segundo estimativas feitas pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra, 2017). Tanto homens quanto mulheres trans encontram-se nesse cenário de trabalho no Brasil. Títulos envolvendo afetividade aparecem de forma sutil nas músicas, expondo sua carência e muitas vezes correlacionando sexo com prostituição. Muitas vivências e experiências como profissionais do sexo para subsistência também foram identificadas.

Em *Cidade neon*, Danna canta:

“Na alta da madrugada a milhão está minha mente De esquina a esquina a esperar mais um cliente Com roupas indecentes pra uns uma indigente Só reconhecida pelo corpo não Com roupas indecentes pra uns uma indigente Só reconhecida pelo corpo não pela minha mente Luzes da cidade neon, reflexos das esquinas quase nua”.

A menção à objetificação que seu corpo trans experimenta em meio a maior metrópole do país fica bastante evidente. Também no tema da prostituição, aqui claramente associado ao da violência da própria família, vale acompanharmos a visão do pesquisador Bento (2015, p. 2):

“O processo de exclusão das pessoas trans começa muito cedo. Quando as famílias descobrem que o filho ou a filha está se rebelando contra a “natureza” e que desejam usar roupas e brinquedos que não são apropriados para seu gênero, o caminho encontrado para “consertá-lo” é a violência. Geralmente, entre os 13 e 16 anos as pessoas trans fogem de casa e encontram na prostituição o espaço social para sobrevivência financeira e construção de redes de sociabilidade”. – grifos nossos.

No trecho da música *Mulher, de Linn da Quebrada*, a temática “prostituição” é também apresentada de maneira notória no trecho: *“nas ruas pela surdina é onde faz o seu salário aluga o corpo a pobre, rico, endividado ou milionário”*. Descrevendo espaço de ocupação e contexto, na produção *sub missa do 7 dia*, Linn ainda faz descrição irrestrita e subjetiva sobre isso, no seguinte trecho: *“O Joelho ralado, apoiado no azulejo Que deixa na boca o gosto O beijo Saliva desejo [...] Sexo é sexo Tem amor e tem orgia Cadela criada na noite Submissa do sétimo dia...”*.

Em outra direção, mas relativo ainda aos corpos, na produção de *Alice Guel*

é perceptível um discurso referente à afetos ou à sua falta nos versos de sua produção *Dilúvio*, com participação especial de *Ventura Profana*:

“Quero sentir afeto Então chega mais perto Faço chover no deserto
Se você precisar Me reencontrei no escuro Tô driblando o mundo
Caçando um canto seguro Pra a gente se plantar Quero poder crescer,
ramificar, florescer Crer e ser Quero poder crescer, ramificar, florescer
Crer e ser Fascinada pelo nada Esquecida pelo todo Eu tô gritando,
é por socorro ‘Pra’ Deus vir me salvar”.

Guel em Meu templo faz ainda menção ao assunto, mencionando como seu corpo é visto de maneira fetichizada. Ressalta a objetificação por outros indivíduos que se relacionam com seu templo e, fazendo menção ao próprio corpo, diz: “*O meu templo tem cara de desejo, tem O meu templo tem cheiro do pecado, tem O meu templo tem carência e saudade O meu templo tem simplicidade*”.

Oração é um título construído de maneira coletiva com participação de grande parte das artistas já mencionadas anteriormente neste trabalho, com uma base musical um pouco mais instrumental e calma, e que faz reverência quase que integralmente ao afeto. Para além das críticas e denúncias, a afirmação, a subjetivação e a produção de afetos coletivos: “*a quem costumeiramente ama a mente ama também não queimem as bruxas mas que amem as bixas mas que amem que amem clamem que amem que amem as travas também*”.

Considerações finais

Todo conteúdo analisado se referiu a vivências e a percepções de indivíduos transexuais, transgêneros e travestis em meio ao movimento *Hip-hop*. Utilizando a poesia presente em versos e frases de produções independentes e coletivas, buscamos expor algumas problemáticas e denúncias sociais próprias desses grupos.

Há narrativas e relatos partindo da posição de quem vem sendo socialmente maltratado por sua condição de vida. É perceptível ainda a presença de uma contextualização histórica em distintos versos, abordando a mutação que o movimento *Hip-hop* enfrenta com a presença desses indivíduos, determinando todo um cenário entupido por uma masculinidade tóxica e hegemonia. *Monna Brutal*, em algumas obras, aponta de maneira explícita todo seu envolvimento na cena do *rap* e como sua persistência nesses espaços provoca certo incômodo:

“permaneço vivo no que me reconstrói pois na escuridão o que me
guia é minha voz se eu pensei em me matar foi um paradoxo mas
sobrevivi a cada dia como paradigma dogma pro meu pensamento
utópico a única saída pra minha vida atípica

masculinidade tóxica não vai me abalar carrego a cabeça desses homens na bandeja combate para não me igualar vocês conhecerão o poder de um homem de buet*”). (*Jackie Chean* em *Masculinidade frágil*).

Assim, pudemos reunir mais conhecimentos sobre a população trans a partir de sua inserção no movimento *Hip-hop*, historicamente mais associado a uma pauta social e racial. Apesar desses limites e de ser ainda muito subjugado, o *rap* apresenta caráter agregador, transportando a informação, ocupando lugares da sociedade em que muitas vezes pesquisas, dados e/ou experimentos sociais não alcançam, trabalhando assim na construção de novas pautas e novos valores.

Com base nessa oportunidade de olharmos através dessa produção cultural para uma população marginalizada, obtivemos três vértices temáticos mais presentes nas nossas análises, a saber: gênero, violência e prostituição. Conforme vimos, dentre eles, a maior recorrência ficou com o tema “violência”, algo que também pudemos observar presente na literatura já produzida sobre grupos T. Além disso, buscamos analisar possíveis visões ambientais/ecológicas presentes no *rap* feito por pessoas transgênero. Percebemos que há um movimento sim de ampliação da percepção ambiental nas músicas referida ao entorno, às vivências e ao modo de vida comunitário e frequentemente periférico, à questão urbana através da figura forte das esquinas, mas identificamos apenas um caso em que a temática mais voltada à ecologia pôde ser percebida.

Mais estudos são necessários para ampliar os conhecimentos sobre os diversos movimentos sociais e suas possíveis interfaces, mas é positivo observar como hipótese de novos trabalhos a serem desenvolvidos que, em princípio, há prioridades e divisões entre pautas mais próprias dos diversos movimentos, sejam eles sociais, daqueles voltados a questões raciais, problemáticas ecológicas ou, conforme focamos nesta pesquisa, de gênero. A convergência de pautas pode ser um desafio próprio das sociedades mais complexas do século XXI, em que se multiplicaram os diferentes movimentos sociais.

Como limites desta investigação, destacamos ser ela fruto de um trabalho de conclusão de curso na área ambiental, resultante de apenas um ano e meio de dedicação. É possível que amostras mais robustas possam revelar mais eixos de conteúdos. Alguns deles, considerando as trinta músicas selecionadas, não foram incluídos por não apresentarem maior recorrência, cenário que pode mudar em consultas mais amplas. Um exemplo disso é o tema do suicídio entre homens trans, que apareceu na produção de *Jackie Chean*, que menciona que o uso e manipulação dos hormônios lhe tira da estatística de ser um homem trans que pensa ou já pensou em suicídio. O artista ainda ressalta que a hormonioterapia lhe “salva”, o que fica perceptível no seguinte verso: “é irônico que o que me mantém vivo são três ampolas de depo, que injeto em minha alma, sara de dentro pra fora [...] quase 70% dos homens trans pensam ou já pensaram em suicídio”. Fazendo menção ao uso do fármaco Deposteron, testosterona sintética utilizada por grande

parte dos homens trans e trans masculinos com intuito de obter características consideradas “masculinas”, operando em algumas características que constituem corpo, *Chean* abre mais um campo de questões, o da saúde física e mental dessa população, que foram apenas tangencialmente trabalhadas nesta pesquisa.

Portanto, mais estudos ficam sugeridos, tendo esta pesquisa explorado algumas problemáticas e denúncias sociais, algumas críticas a modelos hegemônicos e conservadores no que toca ao gênero, partindo da ótica referencial de indivíduos que buscam romper e transgredir com certos padrões incorporados pela cisheteronormatividade, através também de sua produção no *rap* e da divulgação através da redes digitais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Luiz Gavião de; VEDOVATO, Luis Renato; SILVA, Marcelo Rodrigues da. **A identidade pessoal como direito fundamental da pessoa humana e algumas de suas manifestações na ordem jurídica brasileira.** *Revista de Direito Civil Contemporâneo*, São Paulo, Editora Revista dos Tribunais, v. 5, n. ja/mar. 2018, p. 33-70, 2018

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: A Experiência Vivida.** Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980

BENTO, Berenice. **A diferença que faz a diferença: corpo e subjetividade na transexualidade.** Bagoas, n. 04, p. 95-112, 2009.

BENTO, Berenice. **Brasil: país do transfeminicídio.** Clam, 2014. Disponível em: <http://www.clam.org.br/uploads/arquivo/Transfeminicidio_Berenice_Bento.pdf>, acesso em 05/02/2021

BENTO, Berenice, PELÚCIO, Larissa. **Despatologização do Gênero: a politização das identidades abjetas.** *Estudos feministas*, v. 20, n. 2, p. 569-581, MAIO-AGO, 2012

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003. 236 p. Tradução de Renato Aguiar
<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000100012>

CANCELLO, Theo de SÁ Guimarães. **RAP: Insistência, Resistência, (Re)existência Relatos de Rappers da Baixada Santista**. 2019. 242 f. Dissertação (Mestrado)

CARRARA, Sérgio & Vianna, Adriana (2006). **"Tá lá o corpo estendido no chão...": a Violência Letal contra Travestis no Município do Rio de Janeiro**. *Physis: Rev. Saúde Coletiva*, 16(2), 233-249.

<http://dx.doi.org/10.1590/s0103-73312006000200006>

FOUCAULT, Michel. *História da loucura na idade clássica*. São Paulo: perspectiva, 1978.

GOMES, Karyne Lane Alves et al. Caso Dandara e o martírio midiático de uma travesti:. In: XIX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE – FORTALEZA - CE, 19., 2017, Fortaleza. **Caso Dandara e o martírio midiático de uma travesti: um estudo comunicacional a partir do programa Profissão Repórter**¹. Fortaleza: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017. p. 1-15

JESUS, Jaqueline Gomes de. **ORIENTAÇÕES SOBRE IDENTIDADE DE GÊNERO: CONCEITOS E TERMOS**. 2. ed. Brasília: Rev, 2012. 42 p

LOUREIRO, B. R. C. **Arte, cultura e política na história do rap nacional**. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, (63), p. 235-241. 2016.

MAGRO*, Viviane Melo de Mendonça. **ADOLESCENTES COMO AUTORES DE SI PRÓPRIOS: COTIDIANO, EDUCAÇÃO E O HIP HOP**. 2002. 13 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Unicamp, Campinas, 2002.

MOASSAB, Andreia. **Brasil periferias: a comunicação insurgente do hip-hop**. 2008. 240 f. Tese (Doutorado) - Curso de Rev, Puc-sp, São Paulo, 2008.

PITTA, Alexandre Carvalho. **O RAP DO FIM DO MUNDO: MODERNIDADE TARDIA BRASILEIRA E INSURGÊNCIA NAS CANÇÕES DE CRIOLO E EMICIDA**. 2019. 2037 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Ufba, Salvador, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29377>. Acesso em: 09 set. 2020

PONTES, Júlia Clara de. **Cisnormatividade e passabilidade: deslocamentos e diferenças nas narrativas de pessoas trans**. 2017. 22 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de São Paulo, Santos, 2016. Disponível em: <https://cienciasmedicasbiologicas.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/23211/15536>. Acesso em: 12 jan. 2020.

SANTOS, Juliana Oliveira; KRAWCZAK, Kaoanne Wolf. **BRASIL, O PAÍS QUE MAIS MATA: UMA ANÁLISE CRÍTICA ACERCA DA VIOLÊNCIA CONTRA TRAVESTIS E TRANSEXUAIS**. 2017. 13 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Direitos Humanos, Unijuí, Rio Grande do Sul, 2017.

SILVA TT. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias de currículo. 2a ed. Belo Horizonte: Autêntica; 2007.

SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. 244 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

SOUSA, Diogo; IRIART, Jorge. **“Viver dignamente”**: necessidades e demandas de saúde de homens trans em Salvador, Bahia, Brasil. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 34, n. 10, e00036318, 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2018001005007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 01 fev. 2021. Epub 11-Out-2018. <https://doi.org/10.1590/0102-311x00036318>.

TAQUETTE, Stella R. (Org.). **Violência contra a mulher jovem/adolescente**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2007

XAVIER, Denise Prates. **Repensando a periferia no período popular da história**: o uso do território pelo movimento Hip Hop. 2005. xiii, 114 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2005.

WELLER, Wivian. **O hip hop como possibilidade de inclusão e de enfrentamento da discriminação e da segregação na periferia de São Paulo**. Caderno CRH, Salvador, v. 17, n. 40, p. 103-116, jan./abr. 2004. Disponível em: <<http://www.cadernocrh.ufba.br/include/getdoc.php?id=878&article=9&mode=pdf>>. Acesso em: novembro de 2019

INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E COMPORTAMENTOS DE RISCO ENTRE PESSOAS TRANS (HIJRAS) DE PUNE, ÍNDIA. Filadélfia: Jaid's Journal Of Acquired Immune Deficiency Syndromes., v. 59, 01 jan. 2012.

-----//-----

Reportagem do G1 referente ao caso dandara:

<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2017/03/apos-agressao-dandara-foi-morta-com-tiro-diz-secretario-andre-costa.html>

reportagem referente ao caso de demetrio campos (acesso 10/01/2021)

<https://midianinja.org/transpoetas/demetrio-campos-presente/> (acesso: 10/01/2021)

<https://unaid.org.br/2018/06/oms-anuncia-retirada-dos-transtornos-de-identidade-de-genero-de-lista-de-saude-mental/>

Acesso em : 17 set de 2020

<http://especiais.correiobraziliense.com.br/transexuais-sao-excluidos-do-mercado-de-trabalho>

<https://revistaladoa.com.br/2019/01/noticias/estudos-revelam-altos-indices-de-suicidio-entre-homens-trans-no-brasil-e-eua/> (acesso 13/01/21)

*Pesquisa realizada pelo defensor público João Paulo de Carvalho Dias, Presidente da Comissão de Direitos Humanos e Diversidade da Organização dos Advogados do Brasil, seção do estado do Mato Grosso, no ano de 2016. Disponível em: <http://especiais.correiobraziliense.com.br/violencia-e-discriminacao-roubam-detrans-xuais-o-direito-ao-estudo>. Acesso em: jan 2021